



# Representações sobre a violência contra um Refugiado Negro no Twitter

*Representations of Violence against a Black Refugee on Twitter*

Rodrigo Esteves de Lima-Lopes<sup>(a)</sup>; Vivian Gomes Monteiro Souza<sup>(b)</sup>

**a** Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil – rll307@unicamp.br

**b** Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil – viviangomesms@gmail.com

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo estudar a caracterização do refugiado negro Moíse Kabagambe em um grupo de tuítes realizado em protesto ao seu assassinato. Os dados foram coletados e processados utilizando-se a linguagem de programação R de forma a gerar redes de palavras, suas colocações e concordâncias como forma de compreensão do espaço de significação representado pelo léxico. Os resultados mostram a presença de padrões discursivos que evidenciam o posicionamento político nos tuítes. Tais padrões revelam que o crime e suas repercussões serviram como um caminho de reflexão e mobilização em relação à causa dos migrantes, com especial repercussão sobre suas condições de sobrevivência no Brasil e na violência sofrida.

**Palavras-chave:** Violência. Linguística do Corpus. Refugiado Negro. Trabalho. Linguística Sistêmico-Funcional.

**Abstract:** This article studies the characterization of the black refugee Moíse Kabagambe in a group of tweets carried out in protest of his murder. Data were scraped and processed using the R programming language in order to generate networks of words, their collocates and concordances as a way of understanding meaning represented by the lexis. The results show the presence of discursive patterns that evidence the political position in the tweets. Such patterns reveal that the crime and its repercussions served as a way for discussion and mobilization towards migrants' cause, with special repercussions on their conditions of survival in Brazil and on the violence they have suffered.

**Keywords:** Violence. Corpus Linguistics. Black Refugee. Work. Systemic-Functional Linguistics.

## Introdução

Este artigo tem por objetivo estudar a caracterização do refugiado Moïse Kabagambe por meio dos processos de apassivação (Van Leeuwen, 2008) em reações na rede social *Twitter* ao seu assassinato. O refugiado congolês foi assassinado por cinco homens brasileiros em um estabelecimento no estado do Rio de Janeiro, na zona oeste, dia 24 de janeiro de 2022. O conflito se iniciou após Moïse solicitar um pagamento referente a dois dias de trabalho no local. Durante as investigações, ocorreu o processo de culpabilização da vítima, em que agressores afirmaram que os ataques foram realizados em defesa própria, acusando, sem comprovação, que o refugiado havia realizado atos ilegais e estava alcoolizado. Além disso, familiares de Moïse relataram que os órgãos da vítima foram retirados sem autorização pelo Instituto Médico-Legal (IML) após declaração da morte por traumatismo de tórax com contusão pulmonar (Barifouse, 2022).

Ao considerar os dados sobre o número de migrantes e refugiados no Brasil durante o período de 2011 a 2020, constata-se que a comunidade congoleza configura a terceira nacionalidade com maior número de pedidos de refúgio deferidos (Silva *et al.*, 2021). Entretanto, ainda que estes dados indiquem a permissão de permanência no País, não representam necessariamente o acolhimento destes migrantes. Um exemplo seria o aumento, a partir de 2015, de 47% do trabalho escravo e 633% de casos de xenofobia no Brasil de acordo com a Secretaria Especial de Direitos Humanos (Bacci *et al.*, 2016). Tal violência parece ser ainda mais aparente quando os migrantes são negros, indicando que o ocorrido com Moïse pode não ser um caso isolado, mas uma sistemática realidade de intolerância e violação de direitos. Entre os casos que ganharam destaque nos últimos anos, estão o migrante angolano João Manuel, que foi assassinado com facadas após o auxílio emergencial recebido ter sido alvo de reprovação (Figueiredo, 2020); o migrante cabo-verdiano Paulo Jorge Delgado, que foi

atropelado intencionalmente, após desentendimento e perseguição de brasileiro (Homem [...], 2015); e a angolana Zumira Cardoso, que foi assassinada por um brasileiro após o pronunciamento de insultos. Na ocasião, os disparos que tiraram a vida de Zulmira também feriram outros angolanos: Celina Mendonça, Gaspar Matheus e Renovaldo Capenda (Discussão [...], 2012).

Entende-se que a xenofobia é expressa historicamente pela distinção entre migrantes europeus de outras nacionalidades. Um exemplo seria a primeira legislação jurídica que visava exclusivamente a proteção e acolhimento de refugiados europeus no Brasil (Organização Das Nações Unidas, 1951), ainda que houvesse conflitos variados que levassem à necessidade de garantir proteção de outros povos. A partir de 1997, com a vigência da lei 9.474 (Brasil, 1997), migrantes de todas as nacionalidades passaram a possuir o direito de entrada e concessão da condição de refugiado no País. Apesar de negros enfrentarem diversas variações de discriminações em razão da cor da pele, o Brasil se encontra face ao mito da democracia racial, um processo de negação do racismo, supondo que as desigualdades sociais e econômicas não perpassem uma questão de raça (Van Dijk, 2005). Desse modo, migrantes e refugiados negros que integram a sociedade brasileira enfrentam preconceitos raciais, além do preconceito particulares à condição de migrante e refugiado: a xenofobia. Como afirmam Bastide e Fernandes, “[...] a cor age, pois, de duas maneiras, seja como estigma racial, seja como símbolo de um *status* social inferior. Se assim é, quanto mais o negro se aproximar do branco [...], maiores as suas probabilidades de ser aceito” (2013, p. 252).

Este estudo tem suas bases na Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), mais especificamente na análise da apassivação e do sistema de transitividade. Nosso foco principal será nas representações do estado de refugiado e do assassinato de Kabagambe, observando-se como as

escolhas léxico-gramaticais (Fawcett, 2013; Fontaine, 2013; Halliday, 2013) criam um sistema simbólico que caracteriza a ele e a violência sofrida. Nossa motivação está no fato de existirem poucos trabalhos que pesquisem a voz passiva/apassivação no contexto da LSF. Destaque especial deve ser dado ao trabalho de Hawad (2004), que discute a relação entre a estrutura léxico-gramatical da passiva e sua relação com o fluxo de informações no texto. Neste trabalho, pretendemos caminhar por outra seara, buscando observar como a escolha pela voz passiva e os processos de apassivação podem ser utilizados na representação e atribuição de papéis sócio-discursivos.

Os dados para esta pesquisa foram coletados de forma automática e analisados utilizando a linguagem de programação R (R CORE TEAM, 2021) e terá seus *scripts* disponibilizados para comunidade acadêmica no sítio dos autores. Partimos de um estudo baseado em redes de palavras (Brezina *et al.*, 2015, Lima-Lopes, 2018), suas colocações (Stubbs, 1995; Williams, 2002) e concordâncias (Tribble, 2010) como forma de compreensão do espaço de significação representado pelo léxico (Fontaine, 2017).

Estes processos metodológicos já foram utilizados em outros estudos que conjugam abordagens baseadas em Linguística do Corpus (doravante LC) aos estudos em LSF. Entre eles estão Lima-Lopes e Gabardo (2019), que trabalham com a representação da mulher em um coletivo pró-direitos da mulher na Argentina; Lima-Lopes (2018), que reflete sobre o impacto do conservadorismo religioso em manifestações contra uma exposição de arte; Mercuri e Lima-Lopes (2020), que estudam o populismo digital; Lima-Lopes e Arruda (2021), que discutem estratégias de gradação em comentários de mídias sociais, entre diversos outros. Tais estudos são relevantes por demonstrarem que a coleta de dados automática e seu tratamento por sistemas computacionais pode ser um importante caminho

para a compreensão e a modelação de sistemas discursivos (Lima-Lopes, 2017; Baker, 2015).

Os dados para esta pesquisa foram coletados do *Twitter* entre 24 de janeiro de 2022 e 30 de março de 2022, tendo como critério o uso da *hashtag* #JustiçaporMoise. Para tal busca, foi utilizada uma conta acadêmica, que permite a coleta extensiva de dados na plataforma. Todos os tuítes do período foram transformados em um banco de dados anônimo a ser pesquisado por meio de *scripts* também escritos na linguagem R. Assim, partimos de uma análise exploratória, que teve por objetivo observar as relações de colocação entre os elementos lexicais em uma rede de palavras de forma a se identificar itens relevantes para a caracterização do refugiado. Tal análise tem início com a produção de um gráfico de rede, que revela as relações lexicais mais claramente. Parte-se, então, para uma análise de seus colocados e suas concordâncias, de forma a analisar a questão da apassivação nos discursos de reação ao assassinato de Möise.

A seção a seguir discute os conceitos de voz passiva e apassivação a partir de autores relacionados não apenas à Linguística Sistêmico-Funcional, como também aos estudos tradicionais de gramática em nosso idioma. Segue-se a seção de metodologia, na qual relatamos os procedimentos de coleta e análise de dados. A discussão e apresentação dos resultados antecede as considerações finais, que encerram este trabalho.

### **Voz passiva e apassivação**

Segundo van Leeuwen (2008), a utilização da voz passiva e da apassivação são recursos discursivos cujo objetivo é excluir ou deslocar o autor da ação para uma posição menos prestigiosa na proposição, além de deslocar aquele que sofre ação para um lugar central no processo discursivo.

Estudos em Língua Portuguesa têm dado tímida atenção à voz passiva e à apassivação como fenômeno discursivo. Nas obras dedicadas à gramática de nosso idioma, somos capazes de observar que o componente sintático, responsável pelo processo de estruturação da voz, tem sido a temática principal de diversos estudos (Cunha; Cintra, 2021; Rocha Lima, 2010; Cegalla, 2020; Neves, 2011; Bechara, 2019).

Cunha e Cintra (2021) discutem a questão a partir da estruturação sintática da voz passiva — definida pelo uso dos verbos auxiliares seguidos do particípio (forma nominal). Em sua gramática, tratam-se os conceitos de voz *passiva* e *passividade* como intercambiáveis, sendo esta última a forma de manifestação semântica da formação da passiva em português.

Para os autores, a presença de processos relacionais *ser* ou *estar* caracteriza a voz passiva como de *ação*, no caso do primeiro, ou de estado, no caso do segundo. A voz passiva de *ação* seria responsável pela criação de proposições cujo foco principal estaria no desenvolvimento da transformação representada pelo processo principal, ao passo que a de *estado* representaria a caracterização da entidade afetada pelo verbo. Tal justificativa parece fundamentada, essencialmente, na questão aspectiva que atribuí a *ser* um aspecto durativo e a *estar* um aspecto transitório. Exemplos como o a seguir, entretanto, parecem mostrar que tais relações estão relacionadas a questões interpretativas, uma vez que *estar* poderia ser substituído por *ser* em um exercício do que Halliday (1994) chamaria de *testagem* (ou *probing*):<sup>1</sup>

- 1) RJ *está* capturado por essa gente que tem proteção na polícia  
RJ *foi* capturado por essa gente que tem proteção na polícia

---

1 Todos os exemplos utilizados neste trabalho foram retirados do corpus de pesquisa.

Em sua perspectiva, a voz ativa, assim como a passividade, seria uma transformação a partir da voz ativa, considerado padrão, postura também defendida por Rocha Lima (2010) e Cegalla (2020). Rocha Lima (2010) associa os conceitos de voz passiva e apassivação, sendo que sua argumentação tem foco no pronome reflexivo *se*, responsável por possibilitar o que Cunha e Cintra (2021) identificam como atividade e passividade simultâneos. A questão estrutural também é o caminho tomado por Neves (2011), que centra sua discussão no uso dos verbos auxiliares.

Bechara (2019), apesar de manter o foco estrutural, avança por discutir a passividade como um fenômeno independente da voz. Em seu trabalho, Bechara (2019) discute a voz passiva como um regime gramatical especial no qual o objeto semântico da oração se manifesta como seu sujeito sintático. Mesmo a passividade não sendo definida em termos estruturais ou semânticos precisos, “*passividade* é o fato de a pessoa receber a ação verbal” (Bechara, 2019, p. 243, ênfase do autor). A postura de Bechara (2019) ganha importância por desassociar o componente sintático e a ideia de passividade discursiva.

No contexto da Linguística Sistêmico-Funcional, Halliday, em suas diversas versões de *An Introduction to Functional Grammar*, também aborda a passividade e a voz passiva como conceitos intercambiáveis, sendo suas discussões centradas no contexto da língua inglesa. Halliday (1994) parte de um pressuposto discursivo de que a o uso deste recurso está relacionado a formas de apagamento e ênfase, mas, diferentemente da literatura em português, atribui motivações discursivas e gramaticais para tal escolha. Assim, o autor parte do pressuposto de que as vozes não são transformações gramaticais e que possuem equivalência ou paralelismo, cada uma cumpriria funções específicas no contexto em que são usadas. Uma primeira questão tratada pelo autor é a modificação do *status* do

sujeito gramatical, que passa de agente da ação para meio de sua realização: ele ocupa uma posição inicial e de concordância com o verbo, mas não se torna responsável pela ação. Ou seja, ele é um meio de instanciação do sistema de transitividade em cuja ação, na verdade, recai. Uma consequência seria a construção de um processo mais abstrato, dificultando a interpretação e a diferenciação entre os papéis de transitividade. A voz passiva seria, então, uma maneira de criar efeitos semânticos diferentes, mantendo, mesmo que superficialmente, a estrutura da proposição de forma canônica.

Essa possibilidade faz com que a voz passiva seja importante nos processos de elaboração, especialmente a hipotaxe (Halliday, 2004). Elas dão um caráter receptivo ao sujeito gramatical não-agente, ao mesmo tempo que estabelece a escolha de dois tempos verbais paralelos na proposição. Em outras palavras, uma voz ativa no presente pressuporia a realização da ação no passado, sendo a passiva expressa na proposição o seu resultado. Se observamos o tempo passado, esta ação anterior estaria relacionada ao *Passado Perfeito*, tempo verbal no inglês responsável por marcar o aspecto de anterioridade do passado. Apesar de este tempo verbal não existir em nosso idioma, uma equivalência com o *Pretérito-Mais-Que-Perfeito* poderia ser realizada.

Essa relação bi-temporal faz deste sistema algo complexo em termos discursivos: há um empacotamento de significados, pressupondo ações anteriores que podem significar a mudança de estado. Talvez, por este motivo, Halliday e Matthiessen (2014) colocam que os processos expressos na forma passiva podem ser neutros (*to be*), por definirem características, ou transformativos (*to get*), por definirem mudanças de estado. No caso específico do português, esta relação possuiria um regime léxico-gramatical diverso, uma vez que as proposições passivas neutras poderiam estar subdivididas em dois tipos, dependendo do aspecto



transitório de *estar* ou durativo de *ser*. No caso das passivas transformativas, ela pode ser realizada por mais de um verbo em nosso idioma, como seria o caso de *ficar*, que pode trazer um aspecto resultativo *tornar*, que poderia ser de aspecto transformativo. Essa relação temporal também poderia implicar em significados de modulação e modalização à medida que refletem processos sociais de interação.

Halliday e Matthiessen (2014) ainda acrescentam que a possibilidade de existência de duas vozes para uma proposição; tal voz seria dependente do tipo de processo instanciado. Ou seja, no caso dos processos materiais, o sujeito gramatical pode ganhar status de meta ou beneficiário (cliente ou receptor), ao passo que nos mentais, ele seria o fenômeno. No caso das orações relacionais, a reversibilidade — aqui entendida como a inversão de posição entre o identificado/identificador, portador/atributo e portador/circunstância — poderia criar um efeito apassivador, dependendo da relação semântica entre as entidades.

Van Leeuwen (2008) observa que as estruturas discursivas podem gerar representações que dotam as diferentes entidades representadas de papéis ativos ou passivos. Ele define a ativização como a representação de atores sociais por meio de forças dinâmicas que lhes garantem um ativo, ao passo que a apassivação representa os atores como “submetidos” ou “experientes”<sup>2</sup> da ação verbal. As entidades apassivadas podem ter papéis tanto como objetos de transformação e troca ou beneficiários, que nem sempre representam uma posição semântica positiva (Halliday, 1994).

Em termos gramaticais, a apassivação pode ocorrer não apenas por meio da mudança de voz, mas também pela atribuição de papéis de

---

<sup>2</sup>O termo “experiente” foi escolhido em contraste ao termo “experenciador” já amplamente utilizado pela comunidade de Linguística Sistêmico-Funcional Brasileira.

transitividade e outras relações léxico-gramaticais (Van Leeuwen, 2008; Givón, 1994). Na primeira, estariam casos como as metas em processos materiais e os fenômenos em processos mentais. Nos dois casos, seja em construções de voz passiva, seja de voz ativa, é atribuído um papel de submissão às entidades que instanciam tais papéis. Nesse sentido, van Leeuwen (2008) coloca que a atribuição destes papéis é resultado de processos funcionais, sendo a voz, como já colocado, uma questão de organização discursiva. Por outro lado, a apassivação poderia ocorrer por meio de estruturas léxico-gramaticais que empacotam processos e papéis funcionais. Exemplos deste tipo de realização seria a nominalização (Givón, 1994), que pode transformar entidades em presentes em posições adjuntas em entidades apassivadas, ex. 2, a reflexibilidade (Givón, 1994), comum a diversas línguas latinas como o espanhol e o português, além do uso de pronomes possessivos, ex. 3.

2) refugiado de guerra sendo brutalmente assassinado por cobrar seus direitos

3) esperamos justiça e uma ampla discussão contra qualquer forma de racismo

No caso específico do *corpus* desta pesquisa, acreditamos que os processos de apassivação são importantes na representação de Möise como vítima de violência. Tais processos podem representá-lo em uma posição discursiva que pode servir como exemplo da situação vivida por migrantes e refugiados no contexto brasileiro. Como veremos a seguir, atribuem-se papéis bem definidos às entidades pacientes e agentes no processo de apassivação.

## Metodologia

Este trabalho usa metodologias baseadas em métodos mistos, de forma a adicionar mais uma camada de interpretação à análise qualitativa, já

comum às ciências humanas, expandindo-a para em perspectivas metodológicas que abracem, também, análise quantitativa (Mackey; Bryfonski, 2018). Assim, métodos mistos poderiam ser definidos com aqueles que integram ambos em um único estudo, de forma a explorar os dados e temáticas pesquisadas por ângulos múltiplos (Creswell; Creswell, 2018). Pesquisadores, desta forma, reconhecem que uma abordagem puramente qualitativa ou quantitativa poderia ser limitada à medida que trariam em si vieses específicos de cada uma. A aplicação de métodos combinados permite, conseqüentemente, dar um passo em direção a uma observação mais completa, aproveitando contribuições de ambas.

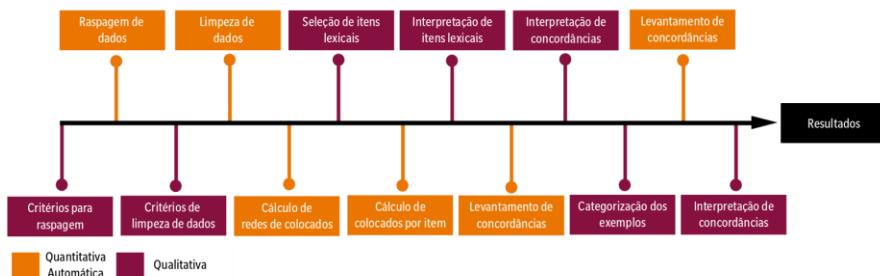
Tal metodologia já tem sido aplicada em estudos no contexto da Linguística e da Linguística Aplicada como é o caso de Lima-Lopes (2018) Mercuri e Lima-Lopes (2020), Lima-Lopes e Arruda (2021), já discutido anteriormente. Sua contribuição para a análise dos dados está relacionada tanto a busca de padrões, caminho tipicamente percorrido por estudos de LC, como pela possibilidade de oferecer uma ancoragem em dados para os resultados da análise qualitativa em LSF. Segundo Biber e colaboradores (1998), a pesquisa em LC já tradicionalmente pode ser encarada como uma abordagem mista, uma vez que dados quantitativos na área da ciência da linguagem são dependentes do olhar do analista, não apenas para interpretação das categorias apresentadas, como também para compreensão de suas implicações.

Neste trabalho, utilizamos o que Creswell e Creswell (2018) e Mackey e Bryfonski (2018) definem como método sequencial, no qual análises quantitativas e qualitativas são alternadas. A ideia por trás de tal perspectiva é que tais abordagens se autocompletem em termos da coleta, análise e interpretação dos dados. Em outros termos, buscamos garantir uma análise compreensiva em termos da quantidade de dados levantados,

ao mesmo tempo que interpretamos cadeias lexicais e proposições verbais. Estas também servem de base para novos levantamentos e interpretações.

A figura 1, a seguir, traz um resumo deste processo metodológico.

Figura 1 - Resumo do processo metodológico



Fonte: dados da pesquisa (2023)

O termo pesquisado para raspagem de dados foi a hashtag "#JusticaparaMoise", possibilitando a coleta inicial de 73800 tuítes (a tabela 1, no final desta seção, descreve o *corpus*). Em sequência, o *corpus* foi preparado para processamento, e por questões referentes ao código dos caracteres importados do Twitter, decidimos que os acentos e demais diacríticos tiveram de ser retirados.

Posteriormente foi realizada uma rede de palavras, representando as conexões entre os cem itens lexicais mais frequentes do *corpus*. A escolha de tais itens se deu pela sua frequência absoluta dentro do *corpus* de pesquisa. Um conjunto de seis itens lexicais entre os que se mostrarem mais significativos em suas conexões na rede de colocados foi escolhido para uma pré-análise, de forma a terem seus colocados levantados e comparados. Tais itens representam, na percepção dos pesquisadores, conceitos-chave para a compressão das reações relacionadas ao assassinato de Moïse Kabagambe. Ou seja, a análise quantitativa serviu

como ponto de partida para a compreensão do *aboutness* do corpus (Phillips, 1989), provendo insumos para a interpretação das redes lexicais e dos colocados.

Estes itens lexicais também foram explorados pelo levantamento de suas concordâncias. Estas fornecerem exemplos em contexto para que os discursos presentes nestes tuítes sejam analisados em termos de suas principais temáticas. Foi a partir da classificação das concordâncias que os eixos temáticos descritos na análise de dados foram levantados e as relações discursivas na voz passiva e na apassivação foram observadas.

Como já colocado anteriormente, este artigo utiliza ferramentas computacionais para coleta e análise de dados. O R (R CORE TEAM, 2021) é uma linguagem de programação baseada em objetos (ou pacotes), criada com o objetivo de ser uma alternativa em código livre para a análise de dados estatísticos. Entre suas principais características, está a flexibilidade e sua integração com outras linguagens, como Python e Shell.

Nos últimos anos, a linguagem R tem evoluído para uma plataforma de coleta e análise de dados de natureza diversa, incluindo os linguísticos. Nesta pesquisa, fizemos uso desta linguagem para diversas funções, utilizando alguns pacotes específicos:

1. *AcademictwitteR* (Barrie; Ho, 2021): utilizado para coleta de dados junto ao Twitter;
2. *Quanteda* (Benoit *et al.*, 2018): utilizado para realização de concordâncias, seleção de exemplos e plotagem das redes;
3. *ggplot2* (Wickham, 2012): utilizado para plotagem de gráficos.

Os dados foram coletados entre 24 de janeiro de 2022 e 30 de março de 2022, utilizando-se uma conta acadêmica. Tal conta permite o acesso ilimitado ao arquivo do Twitter em termos de tempo de pesquisa, ao contrário das pesquisas tradicionais que estão limitadas a sete dias. Em termos de volume, ela permite a coleta de até 10 milhões de tuítes mensalmente. O pacote *AcademictwitteR* (Barrie; Ho, 2021) fez a interface de coleta com a API<sup>3</sup> da mídia social, possibilitando que os dados fossem salvos em formato JSON (*JavaScript Object Notation*), um formato para troca de dados que independe do sistema operacional, linguagem e programa utilizados para criá-lo. A universalidade do JSON permite que os dados sejam importados para o R de forma a serem pesquisados.

Uma vez importados, os dados foram processados utilizando-se o pacote *Quanteda* (Benoit *et al.*, 2018), criado especialmente para o processamento de textos. Assim, *Quanteda* foi utilizado de forma a:

1. Realizar a contagem de *types* (tipos) e *tokens* (formas);
2. Realizar a seleção de elementos lexicais e a plotagem do gráfico de rede;
3. Realizar concordâncias para seleção de exemplos.

Após a aplicação de uma lista de palavras a serem desprezadas na pesquisa — tais palavras são preposições, artigos, conjunções e alguns nomes próprios identificados durante a pesquisa —, o gráfico de rede foi gerado com base nos quinhentos itens lexicais mais frequentes no *corpus* por meio de uma função específica do pacote *Quanteda*. O levantamento de colocados foi possível graças a um *script* disponibilizado por Wiedemann e

---

<sup>3</sup> Uma Interface de Programação de Aplicativo (API) permite que aplicativos externos a um domínio realizem um intercâmbio de dados e funções por meio da interação em uma linguagem determinada pelo sistema que recebe a demanda.

Niekler (2017), que possibilita aplicação da Função de Verossimilhança (ou *Log Likelihood*) como base para o cálculo (Brezina, 2018). Os gráficos representando os colocados foram criados com o pacote *ggplot2* (Wickham, 2012). Apesar de não podermos disponibilizar os dados brutos por questões éticas, oferecemos os códigos de coleta e processamento dos dados de forma a garantir a reprodutibilidade do estudo.<sup>4</sup>

**Tabela 01** - Descrição do corpus

	Valores
Tipos (types)	131371
Formas (tokens)	135388
Tuítes	73800

**Fonte:** dados da pesquisa (2023)

A tabela 1 traz os dados referentes à descrição do *corpus* coletado. O total de tipos está um pouco acima de 131 mil palavras, ao passo que o total de formas ultrapassa as 135 mil, sendo que o total de quase 74 mil tuítes. A proximidade do número entre tipos e formas resulta do número baixo de caracteres (280) das postagens no Twitter, favorecendo a não repetição de palavras.

### **Análise e discussão de dados**

A figura 2 representa a rede de palavras que coocorrem mais frequentemente nos tuítes *#JusticaparaMoise*. Como núcleos, têm-se a *hashtag* que alcançou os *trending topics*, os assuntos mais comentados do período, e suas variações, como *#JustiçaporMoise*,

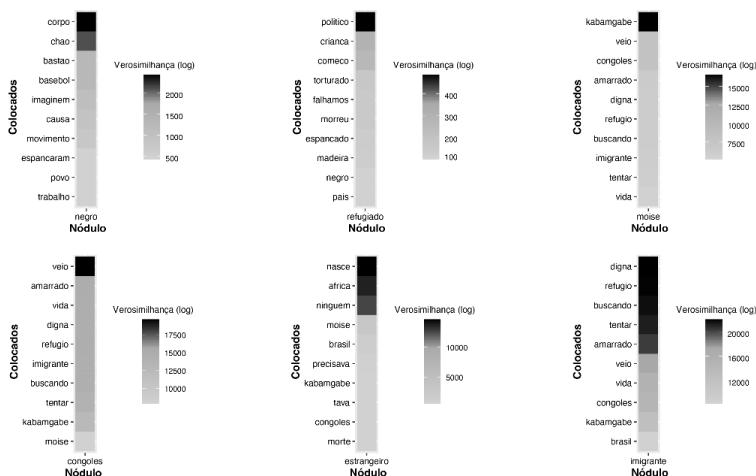
<sup>4</sup> Disponíveis em <https://github.com/rll307/JusticaParaMoise>





Como podemos observar na figura 3, que traz os itens lexicais estudados e seus dez colocados mais frequentes, “negro” parece servir como recurso textual para demarcar a identidade de Moïse, seja por meio do trabalho exercido, seja por sua questão racial. Se fizermos um paralelo com as colocações de “Moïse”, observaremos que a marcação desta identidade parece passar ora pela identificação de sua condição de migrante, ora pela jornada de migração ou mesmo pelo crime. Estabelece-se, assim, um paralelo com os conceitos de “imigrante”, “estrangeiro” e “congolês”, que parecem retratar tanto elementos da narrativa do crime sofrido, assim como a ideia e busca de refúgio no Brasil. “Negro” tem como colocados itens lexicais como “corpo”, “chão”, “bastão” numa direta referência à violência sofrida por Moïse e em sua resultante morte. Já “refugiado” está relacionando à questão política, graças a colocados como “político”, trazendo detalhes mais específicos, como “espancamento”, “torturado” e “madeira”. “Moïse” tem como seus principais colocados palavras que parecem enfatizar sua narrativa migratória, sua origem e busca por refúgio, algo bastante similar a “congolês”, “estrangeiro” e “imigrante”. Este último também detalha o ataque fatal sofrido pelo congolês.

Figura 3 - Colocados dos itens lexicais pesquisados



Fonte: dados da pesquisa (2023)

A partir da análise das colocações (figuras 2 e 3), identificamos nove temas principais, os quais são: a condição de migrante e refugiado no Brasil; as condições de trabalho de migrantes e refugiados no Brasil; a discriminação mediante uma relação entre refúgio e raça; o retrato de um Brasil intolerante; a atuação política como mediadora do caso; a delimitação de possíveis atores do crime; a cobertura do caso pela mídia; o questionamento sobre a religiosidade do Brasil mediante crimes cometidos com migrantes e refugiados; a negação da identidade e culpabilização de Moïse. Em algumas análises destes temas, optou-se por analisar palavras complementares correlacionadas para ampliar a discussão, como no caso de “trabalho”, segundo tema, e “milícias”, sétimo tema.

A condição do migrante e refugiado no Brasil é discutida, considerando as dificuldades existentes no processo de estabelecimento no País. Neste processo, identifica-se que há um descaso com as vidas de migrantes, independente do motivo da migração (exemplos 1 a 6), assim como o não cumprimento da lei 9.474/1997, a qual visa promover a proteção de refugiados no País, uma vez que refugiados estão sujeitos à exploração, discriminação e violação de direitos humanos.

A voz passiva das orações 2, 4, 5 e 6 é estruturada por processos em que Moïse ou “povo preto” (exemplo 4) se constituem como meta, resultado da concretização de violência, como visto nos processos centrais *amarrado*, *espancado*, *massacrado*, *morto*, *explorado*. A oração 1 se estrutura primeiramente por dois usos da voz passiva, um processo abstrato, *foram hostilizados*, seguidamente por um processo de ação concreta assim como os exemplos anteriores, *sendo assassinado*, o que sugere a progressão das ações de preconceito no País. A voz passiva da oração 3 também é estruturada por uma ação, *foi feito*, mas com objetivo de ressaltar o desamparo ao caso, como descrito pela meta, *nada*. A oração 6, além do uso

da voz passiva para retratar a violência, apresenta um teor de passividade através do processo *passam*, pois, ainda que represente a ação realizada pelos atores, representa conjuntamente um impacto que poderia vir a ser destinado para possíveis beneficiários.

1	Médicos cubanos e frentistas haitianos já foram <i>hostilizados</i> , hoje	<b>refugiado</b>	de guerra <i>sendo</i> brutalmente <i>assassinado</i> por cobrar seus direitos
2	Moise <i>foi amarrado e espancado</i> com pedaços de madeira por 5 homens. Era negro, africano e	<b>refugiado</b>	
3	Covardia racismo e xenofobia pra quem veio pra cá atrás de refúgio o país aonde o número de genocídios só aumenta e a visibilidade de imigrantes	<b>refugiados</b>	só decresce e até agora nada <i>foi feito</i>
4	Que dor! A família veio	<b>refugiada</b>	para o Brasil com o intuito de se salvar e construir uma vida com dignidade. E o resultado: assassinato a sangue frio! Até quando o povo preto <i>será massacrado</i> ? Misericórdia!
5	Triste ver parte do Brasil minimizar os impactos da pandemia com óbitos em alta incluindo de crianças, gente que ameniza a fome e agora enxerga com naturalidade um	<b>congolês</b>	<i>ser</i> brutalmente <i>morto</i> ao requerer o próprio salário. Se isso não te choca vc acabou
6	tb é urgente que as autoridades deem atenção a situação de	<b>congoleses</b>	angolanos e haitianos que <i>são explorados</i> em subempregos e <i>passam fome e racismo e xenofobia e trabalho precário</i>

O segundo tema considera o trabalho uma atividade essencial para a adaptação e permanência no País. De acordo com os dados estatísticos coletados pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA)

(Cavalcanti; Oliveira; Silva, 2021), apenas 5,2% dos africanos integram o mercado formal em 2020, tendo como justificativa para tal a formação profissional dos migrantes, 3,8% de migrantes negros possuem ensino superior em comparação a 41,3% de migrantes brancos. Entretanto, não há referência à xenofobia e ao racismo, diferente da discussão promovida no *Twitter*. O distanciamento da possibilidade de acesso ao trabalho formal implica no exercício de atividades desassistidas juridicamente, passíveis de exploração (exemplos 7 a 13). O trabalho exercido por Moïse, assim como os trabalhos de outros migrantes e refugiados em razão desta condição migratória, é associado ao trabalho escravo, ainda que não nomeado na mídia tradicional.

A estratégia textual utilizada para retratar a violência cometida a Moïse por meio da voz passiva é identificada como padrão estável, sendo recorrente neste estudo, como visto também nas orações 7, 9, 10, 11 e 13, e anteriores, 2, 4, 5 e 6. Este padrão é composto pelo enfoque no participante paciente, neste caso, Moïse, o qual recebe ação concreta de violência. Moïse ocupa posição de destaque na oração, em diversos casos como participante paciente tematizado, em primeira posição na oração (oração 10). Este fraseado, ao tematizar o sujeito, parece dar-lhe uma ênfase que pode ser produto deste processo de apassivação e que provavelmente não seria alcançada por um tema não marcado na voz-ativa. O agente da passiva, como na oração 10, *por agressores desumanos*, entretanto, não possui posição de destaque neste *corpus*, sendo o foco na elaboração da identidade de Moïse através do crime sofrido em detrimento da identidade de seus agressores, já identificados pelos internautas, conforme apresentado no sétimo tema. A oração 12, similar à 6, utiliza a passividade para sinalizar impacto que recai aos agentes, migrantes e refugiados, ao *sofrer preconceito* e *enfrentar barreiras*. Já a oração 8 faz uso da voz passiva para exprimir uma condição estativa por meio da locução verbal “estão colocados”, indicando uma condição de

exploração em que migrantes e refugiados se encontram neste momento, ainda que seja uma realidade delineada historicamente.

7	Moïse era um jovem negro	<b>refugiado</b>	político, <i>foi assassinado</i> no Brasil que além de usar sua mão de obra de forma precarizada o espancou quando reivindicou seu salário. Nós não podemos deixar que esse caso <i>seja esquecido</i>
8	Os imigrantes e	<b>refugiados</b>	da África e da América Latina <i>tão colocados</i> na situação mais sensível a exploração que tem, os caras não têm direito nenhum e ficam na mão de gente racista e violenta
9	Ele <i>foi morto</i> por cobrar pelos seus direitos e por ser	<b>estrangeiro</b>	refugiados <i>são rebaixados</i> socialmente no país estrangeiro, o que causa exploração desses no mercado de trabalho em país de não origem e infelizmente assassinatos como esse do Moïse
10	Moïse Kabamgabe <i>foi barbaramente agredido e linchado</i> ao cobrar o pagamento por dois dias de trabalho. O	<b>congolês</b>	<i>foi morto</i> por agressores desumanos que ainda enxergam a pessoa negra como uma força de trabalho barata e descartável
11	Um homem preto vindo da África <i>é amarrado e açoitado</i> até a morte por alguém que explorou seu	<b>trabalho</b>	sem remunerar e o ano é 2021
12	Ele assim como outros imigrantes de origem africana como Moïse <i>sofrem preconceito e enfrentam barreiras sistemáticas</i> ao mercado de	<b>trabalho</b>	esperamos justiça e uma ampla discussão contra qualquer forma de racismo
13	o cara <i>foi morto</i> a pauladas por cobrar o	<b>trabalho</b>	de freelance q ele fez sem contar que os órgãos dele <i>foram retirados</i> e cadê a justiça? Estamos falando

de homem negro, africano e refugiado *sendo tratado* como os escravos eram tratados a [sic] anos atrás

A raça também parece estar relacionada com a motivação do crime. Discute-se que o crime não teria ocorrido se fosse um migrante branco, especialmente europeu, na mesma situação (exemplos 14, 15, 16 e 19). Vê-se que o migrante negro é ainda mais invisibilizado, tendo em vista a pouca repercussão do caso e a demora no processo de responsabilização dos responsáveis no assassinato de Moïse (exemplo 18). Desse modo, entende-se que o migrante negro no Brasil não possui direitos garantidos e é desvalorizado (exemplos 17 e 19), diferentemente do migrante do europeu, cuja imagem é associada a uma contribuição intelectual e, conseqüentemente, um retorno financeiro para o País (Cavalcanti *et al.*, 2021).

O uso da voz passiva na oração 18 parece exprimir uma relação de causalidade centrada no ponto de vista do agressor. A oração encaixada traz o processo, *foi movido*, tem como agente *pelo orgulho do racismo*, projetando-lhe características negativas. As demais orações (14, 15, 16, 17 e 19) utilizam a voz passiva para retratar a violência imbricada no crime cometido contra Moïse e para descrever os procedimentos simultâneos, como o registro audiovisual do ocorrido (oração 16). Além disso, a passividade de Moïse na oração 19 também é atribuída pelo caráter reflexivo da construção *a gente se enxerga*. Dado o significado de petulância e orgulho que esta expressão pode significar, é possível interpretá-la como uma sugestão para início de mudança social.

14	Uma coisa óbvia: se uma pessoa branca <i>fosse espancada</i> até a morte por ter cobrado seu salário iriam fazer de tudo para prender os assassinos, mas foi um negro	<b>congolês</b>	que estava tentando ter uma vida melhor aqui no Brasil. Racismo e Xenofobia
15	E se ele fosse branco e europeu será que ainda assim o	<b>congolês</b>	Moïse Kabamgabe <i>seria brutalmente espancando e morto?</i>
16	Imagina o caos que estaria esse país se um	<b>estrangeiro</b>	branco europeu <i>tivesse sido espancado</i> durante 15 min a paulada com um mandante da PM e que apesar de tudo <i>ter sido filmado</i> tentaram abafar o caso durante uma semana
17	R\$ 80 reais, oitenta reais. É esse o valor da vida de um jovem de 24 anos, negro,	<b>refugiado</b>	Moïse <i>foi brutalmente assassinado</i>
18	Quem bateu nele <i>foi movido</i> pelo orgulho do racismo: ele é negro, africano,	<b>refugiado</b>	desempregado, não é nada, então nada vai acontecer
19	O Brasil é muito racista. Somos um país racista. Ou a gente <i>se enxerga</i> ou nunca seremos capazes de evoluir. É urgente, por ser preto,	<b>Moïse</b>	<i>foi amarrado e assassinado</i> na paulada, depois de morto e ignorado <i>teve os órgãos roubados</i> pelo Estado. Escancarado.

Estes tuítes contribuem para a construção da imagem de um Brasil intolerante, pois, ao considerar que a justificativa do movimento migratório consiste na busca por condições de vida melhores e por oportunidades de trabalho, a situação em análise não corresponde a estas expectativas (exemplos 20, 23, 27, e 28). A noção de um País receptivo e diverso se esvai, ainda que momentaneamente (exemplos 25 e 26). Diz-se “momentaneamente” em razão de casos anteriores que não influenciaram

o modo de coordenar e interpretar o movimento migratório, uma vez que a sociedade ainda define o migrante e refugiado como um indivíduo indesejável (exemplos 21, 22 e 29). Cabe ressaltar que esta interpretação acerca do migrante e refugiado ocorre independentemente das leis de proteção destinadas a estes grupos sociais, 13.445/2017 e 9.474/1997 (exemplo 24).

A voz passiva empregada nestes exemplos colabora para o entendimento de que este Brasil intolerante se constrói progressivamente, sendo esta noção entendida através do conjunto de exemplos. Isto, pois, o migrante é *recebido legalmente* (oração 24), na crença do País *ser receptivo* (oração 25), o qual *foi pintado* como acolhedor (oração 26), para posteriormente, compreender que Moïse *foi tratado* erroneamente (oração 28) e *foi assassinado* (oração 23). Nota-se que a voz passiva é utilizada para descrição literal e descrição metafórica (oração 26). A passividade também pode ser atribuída através da descrição metafórica, como na oração 21, *passam veneno*, construção semelhante à que se encontra na oração 6. A oração 29 também se estrutura similarmente à oração 12, *sofreram o ódio*.

20	Moïse Kabangabe, um imigrante	<b>congolês</b>	que veio ao Brasil buscando refúgio e para tentar uma vida digna <i>foi amarrado, espancado e morto</i> em seu local de trabalho apenas por cobrar seu salário atrasado
21		<b>congoleses</b>	angolanos e haitianos no brasil <i>passam veneno</i> há anos e seja governos de esquerda, centro esquerda e extrema-direita de forma surpreendentemente parecida, o racismo estrutural mascara igualdade em <i>realitys</i> e comerciais
22	Ingenuidade pensar que os	<b>imigrantes</b>	<i>são</i> bem <i>acolhidos</i> aqui. A maioria os rejeita, vê como inferior, esse país é uma vergonha o ser humano é podre



23	Justiça para Moïse, um	<b>imigrante</b>	que veio buscar oportunidade de trabalho e <i>foi humilhado e assassinado</i> pelo seu empregador
24	Fugir da guerra pra não morrer e morre em um país onde <i>é recebido</i> legalmente. Brasil país onde brasileiros pobres e	<b>estrangeiros</b>	pobres <i>são executados</i> por qualquer motivo ou razão
25	Eu sempre me orgulhei do meu país <i>ser receptivo</i> com	<b>estrangeiros</b>	em sermos uma nação misturada em que todo mundo pode se ver no brasileiro, mas olha hoje tá só a vergonha, o choque e o horror dessa barbaridade. É uma bolha estourada
26	A brutalidade com	<b>Moïse</b>	vai muito além da falsa reforma, ergue outras barbáries da nossa sociedade que já <i>foi pintada</i> de querida, fraterna e acolhedora
27		<b>Moïse</b>	Kabangabe buscava uma vida digna no Brasil mas ela <i>foi interrompida</i> pelo racismo estrutural e pela normalização da violência de nosso país, que haja punição
28	Saíram do país deles para <i>serem acolhidos</i> pelo Brasil e é decepcionante ver que	<b>Moïse</b>	<i>foi tratado</i> pior que no país dele, tanto que <i>está morto</i> , é uma vergonha, cada vez que vejo me deixa revoltada, alguém tem q fazer alguma coisa
29	Acharam no direito de espancar atirar e matar seres humanos só porque a cor da sua pele não era igual a sua,	<b>Moïse</b>	e Durval <i>sofreram o ódio</i> de um país que só retrocede nos direitos humanos

Na discussão acerca da atuação política no caso, discute-se, principalmente, a ausência de medidas do Governo Federal diante do crime ocorrido (exemplos 30, 32, 34 e 35). Faz-se a constatação de que o governo

não prioriza a migração como uma questão social urgente em comparação à atenção destinada para temas de interesse do governo, como uma possível comprovação da ineficácia da vacina para Covid-19 (exemplos 32 e 36). O governo e seus apoiadores são reconhecidos como contrários à migração devido ao silenciamento diante de crimes cometidos aos migrantes e refugiados e aos pronunciamentos xenofóbicos (exemplos 30, 31, 32, 33 e 37). Assim, o esboço do Brasil intolerante é associado ao Governo Federal, o qual adota uma postura anti-imigração (Moreira, 2019).

Nestes casos, a voz passiva exerce papel relevante para enfatizar a ocorrência do crime, a fim de traduzir sua gravidade em comparação ao silenciamento do governo Bolsonaro. Isto se dá, sobretudo, através da organização da oração em meta, seguida de processo, como visto na oração 30, *Moïse Mugenyi Kabagambe foi assassinado*, e na oração 34, *um congolês foi massacrado*. O grau de intensidade atribuído ao crime ocorre através das variações lexicais dotadas de cargas semânticas distintas dentre o campo da violência, como *assassinado*, *espancado*, *massacrado*. O processo de gradação linguística (Martin; White, 2005) parece também sofrer intensificação por meio das circunstâncias de modo, como *cruelmente* (oração 31), *de forma brutal* (oração 32).

30	Moïse Mugenyi Kabagambe <i>foi assassinado</i> em um país governado por quem chama	<b>refugiados</b>	de escória do mundo, contra o fascismo bolsonarista
31	Damaresalves o motorista da van não contou pra vc que um	<b>refugiado</b>	<i>foi cruelmente assassinado</i> no RJ esses dias? Nem sei pq pergunto, vc não se <i>importa né</i>
32	A ministra dos direitos humanos viajou até SP só para verificar se uma criança tinha morrido por conta da vacina. Um	<b>congolês</b>	morreu de forma brutal e nada <i>foi dito</i> sobre isso, a política desse governo é

			de sangue e desprezo pela vida
33	O deputado estadual da extrema direita não sabe que há poucos dias houve um linchamento de um homem negro no Rio de Janeiro, um jovem	<b>congolês</b>	imigrante que <i>foi espancado</i> até a morte porque cobrou uma dívida?
34	jairbolsonaro govbr rogeriosmarinho ainda não descobriu que um cidadão	<b>congolês</b>	<i>foi massacrado</i> no rio ao tentar receber seu pagamento?
35	Vcs já observaram q o govbr e seus ministros não conseguem ver o cidadão	<b>congolês</b>	trabalhador <i>ser linchado</i> no rio?
36	Eu reparo sempre q esse tipo de tag Justiça para	<b>Moïse</b>	nunca é <i>levantada</i> pela direita bolsonarista, só uma observação mesmo
37	Alguém viu a nota do mito ou da Dra Damares damaresalves em respeito do	<b>imigrante</b>	africano que <i>foi espancado</i> até a morte por cobrar seu salário em plena barra da Tijuca RJ?

Este processo de associação entre a violência e o governo Bolsonaro também ocorre com os atores do crime. Uma vez que os atores do crime são reconhecidos como apoiadores do presidente da República, a justificativa da violência se torna compreensível pelos internautas (exemplos 40 e 43). Levanta-se a hipótese de que a polícia atue coletivamente com a milícia (exemplos 38, 39, 40 e 42), visto que os representantes, guardas municipais, presentes como espectadores do crime, não impediram o ocorrido e não foram punidos por esta atuação. Além disso, o exemplo 42 sugere que a organização de crimes nestes moldes, com atuação da milícia apoiadora do governo, já ocorreu no País, como no assassinato da vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes há quatro anos, sem condenação dos responsáveis

(Resende, Puente, 2022). Desse modo, entende-se que a milícia ocupa posições de poder (exemplos 42 e 43) e possui proteção indevida (exemplos 39, 40 e 41).

Este tema se desenvolve discursivamente por duas estruturas da voz passiva. A primeira opta pelo uso do processo “ser” para indagar a ausência de detidos, como na estrutura *ninguém foi preso* (orações 38 e 43), e para avaliar a conduta de policiais, como na estrutura *policiais militares são acusados* (oração 39). A segunda utiliza o processo “estar” para caracterizar negativamente a gestão vigente do estado do Rio de Janeiro, associando-a aos policiais e às milícias, como nas estruturas *milícia está entranhada* (oração 42), *policiais estão envolvidos* (oração 38), *RJ está capturado por essa gente que tem proteção na polícia* (oração 40). Nota-se que milícias e policiais se instituem como entidades genéricas, sem a especificação dos integrantes destes grupos.

38	O MPRJ está investigando a morte do	Moïse	Por que ninguém <i>foi preso</i> ainda? Policiais <i>estão envolvidos</i>
39	O quiosque vizinho inclusive era administrado um PM... policiais militares também <i>são acusados</i> de ameaçar três vezes a família de	Moïse	Quem a polícia do RJ está protegendo?
40	Não tenho dúvida de que a turma do quiosque na barra da tijuca que assassinaram o jovem	Moïse	são milicianos. RJ <i>está capturado</i> por essa gente que tem proteção na polícia, na justiça, e no legislativo.
41	A execução altamente planejada de Marielle e Anderson ao assassinato brutal e as claras na areia da praia do	Moïse	O RJ <i>está afundado</i> até o pescoço na merda das milícias
42	A orla rio empresa administradora dos espaços	milícia	<i>está entranhada</i> no Rio de Janeiro?

tentava reintegração de posse há anos. Percebem quanto a

43	A	<b>milícia</b>	tá na cadeira da Presidência da República! Por isso até agora não sabemos o nome dos milicianos que mataram Moïse e ninguém <i>foi preso</i> até agora
----	---	----------------	--

Os posicionamentos contrários, em menor número, se estruturam a favor de Jair Bolsonaro e em ataque ao movimento de esquerda, o qual integra a oposição deste governo. Internautas dissociam o presidente Bolsonaro da ocorrência do crime, assim como contestam a produção dos discursos da mídia que delineiam esta relação (exemplos 44, 45 e 46), ao passo que afirmam que os partidos de esquerda contestam o crime ocorrido com Moïse e utilizam a discussão acerca dos direitos humanos para promoção política. Ocorre também o apagamento de uma das motivações do crime, o racismo, pois, para os apoiadores de Bolsonaro, é relevante resumir o crime a um ato de violência, uma vez que discussões acerca de raça e refúgio são pautas realizadas por “militantes” (exemplo 46). Entretanto, o uso da voz passiva atua como recurso para destacar o apoio à condenação dos criminosos e investigação do crime, tendo como pacientes, *crime* e *criminosos*, respectivamente, das ações *deve ser investigado* e *sejam encontrados e punidos* (orações 45 e 46).

A oração 44 utiliza a voz passiva pronominal com uso do processo *tornou-se*. Neste caso, Moïse é caracterizado como uma *bandeira política* e instrumento de promoção de determinados valores ideológicos, impactando na sua posição de agente da ação. Esta prática contribui para a descaracterizar os conflitos centrais motivadores da violência e para isentar a responsabilidade do governo Bolsonaro com a mediação do crime. A oração 45 traz a utilização do modal *deve*, ao passo que a 46 utiliza

ser em sua estrutura modal. Em ambos os casos, busca-se criar a ideia de que a justiça estaria além de posturas governamentais ou processos ideológicos.

44	<b>Moïse</b>	já não é mais vítima da violência urbana covarde que assola esse país, <i>tornou-se</i> uma bandeira política nas mãos da grande mídia e da burguesia psolista, vocês não passam de oportunistas imundos
45	<b>Moïse</b>	Isso não foi crime de racismo como militantes já estão jogando na tela por aqui, isso foi pura violência, lamentável e <i>deve ser investigado</i> e coloquem os assassinos de na cadeia. Não façam politização com inocentes oportunistas!
46	<b>A esquerda</b>	está tentando tirar as calças pela cabeça porque não vai conseguir explorar esse crime para propagar a narrativa do racismo estrutural e nem para culpar o Bolsonaro, que esses criminosos <i>sejam encontrados e punidos</i> apropriadamente

Assim como a atuação política, a atuação da mídia também é questionada. A cobertura do caso é avaliada negativamente, pois, segundo internautas, houve demora para divulgação do ocorrido (exemplos 49 e 50) e, quando noticiado, com atenção indevida (exemplos 47, 48 e 51), houve apagamento de elementos da identidade de Moïse e, conseqüente, das possíveis razões do crime (exemplos 47 e 48). Entende-se que a cobertura insuficiente do crime ocorrido com Moïse tenha se desenvolvido dessa forma por se tratar de um refugiado negro. Vale ressaltar que este descontentamento com a pouca repercussão do caso se refere tanto à

mídia com posicionamentos de direita, quanto à posicionamentos de esquerda (exemplo 49).

47	Se fosse um branco o jornal nacional iria noticiar, mas quem <i>foi torturado e assassinado</i> foi um preto	<b>refugiado</b>	vergonha
48	Folha racista, evita as palavras preto ou negro, não usa racismo no texto, quem <i>foi espancado</i> foi	<b>refugiado</b>	são imigrantes africanos
49	Nem as páginas de esquerda falando sobre o assassinato do jovem	<b>congolês</b>	que <i>foi espancado</i> até a morte no kiosque Tropicália na barra da Tijuca porque cobrou o salário do patrão e teve até os órgãos retirados e vocês não estão falando sobre isso caralho
50	Liguei na GloboNews hoje de manhã. O noticiário <i>foi tomado</i> pela parada da Marginal lá em São Paulo e pela abertura da sessão do STF, com uma análise mais rasa do que um pires do discurso do Fux. Nada sobre o assassinato do	<b>Moïse</b>	que é a notícia do ano até aqui
51	Muita tristeza o caso só repercutiu pq a família protestou na frente do quiosque e ainda assim passou no telejornal isso vários dias depois da morte dele. Tantas vidas <i>foram destruídas</i> pelo preconceito e impunidade. Que a família de	<b>Moïse</b>	tenha justiça

As orações 47, 48 e 49 se estruturam conforme o padrão delineado previamente, o qual coloca Moïse como paciente de violência, por meio de diferentes referências a sua identidade, como *preto*, *refugiado*, *congolês*. Já a oração 50 utiliza a voz passiva para se referir ao noticiário, com expressão de um agente, *pela parada da Marginal (...)* e *pela abertura da sessão*

do STF (...), a fim de exemplificar que a narrativa acerca do ocorrido com Moïse é identificada como inoportuna para mídia. A determinação do agente em posição focal é contextualmente motivada, uma vez que direciona o leitor para um referente relevante para interpretação argumentativa (Hawad, 2004). O exemplo seguinte (oração 51) também destaca o agente, *pelo preconceito e impunidade*, com objetivo de discorrer acerca das possíveis razões que possibilitaram a ocorrência do crime, sugerindo que a violência cometida com Moïse integra uma realidade social já consolidada no País, unindo-o ao paciente da oração *tantas vidas*.

52	Só mais uma num país terrivelmente cristão com lideranças ditas evangélicas instaladas de cabo a rabo no governo danos suporte pra violação grave de direitos humanos, não vi uma nota de pesar, cristo era	refugiado	e estava lá sendo espancado como Moïse
53	Em um país de extremistas religiosos, Jesus, um jovem	refugiado	oriundo da favela com certeza <i>seria morto</i> de novo, dessa vez pelos milicianos que nos governam, perseguição por todo lado
54	Uma vez que nos autodeclaramos um país cristão será bom ver como devem <i>ser tratados</i> os	estrangeiros	e quantos mandamentos há nas escrituras para proteger gente como o Moïse. Vamos lá prantear essa morte estúpida e clamar por justiça
55	Patriota cristão cidadão de bem é assim fica indignado com pessoas pedindo dinheiro comida nos sinais diz que pedem sem precisar que deviam procurar emprego, no entanto não <i>fica comovido</i> com crimes do tipo que	Moïse	sofreu



56	Eu só peço a Deus que os responsáveis por essa injustiça com	Moïse	<i>sejam punidos</i>
----	--	-------	----------------------

O questionamento acerca do descaso com o assassinato de um refugiado também é permeado pelo questionamento da religiosidade de brasileiros, principalmente em relação à formação religiosa do governo atual. Vê-se que os ensinamentos religiosos, quando postos em prática, excluem a comunidade migratória, em especial a africana (exemplos 52 a 55). Em menor proporção, a religião é associada ao sentimento de proteção, uma alternativa para demandar justiça mediante um sentimento de que os crimes cometidos contra migrantes e refugiados no Brasil (exemplo 56) não sofrem punição. A voz passiva nesta oração ocorre com a ação *sejam punidos*, tendo como paciente *os responsáveis por essa injustiça com Moïse*.

A oração 54 utiliza a ação *devem ser tratados*, e como paciente, *os estrangeiros*, considerando que direitos de migrantes e refugiados não são respeitados. Identifica-se que este fato não causa comoção na comunidade brasileira, como representado pela ação estativa *não fica comovido*, diante do *crime do tipo que Moïse sofreu*, ação que reflete no sujeito (oração 55). As orações 52 e 53 retratam a agressão sofrida em comparação com Jesus, este que *estava sendo espancado e seria morto* no contexto atual como Moïse. Nesta, vê-se também a não-omissão do agente ao final da oração, a qual recebe o foco oracional, *pelos milicianos que nos governam*, ressaltando novamente a posição de poder ocupada pelas milícias e o descontentamento com o governo Bolsonaro.

Em paralelo, ocorrem discussões direcionadas ao Moïse na busca de apagar sua identidade e contestar sua índole (exemplos 57 a 63). Afirma-se que a menção à nacionalidade de Moïse não é necessária (exemplos 57 e 60), assim como a intolerância acerca de sua condição como refugiado

(exemplos 58, 59 e 60). A índole de Moïse é contestada através da possibilidade de que o refugiado estivesse alcoolizado e suscetível a cometer crimes, visto que em posturas xenofóbicas a integridade do migrante e do refugiado é cabível de análise (exemplo 63). Ademais, a gravidade do crime é atenuada por se tratar de negros refugiados e negros brasileiros (exemplo 61 e 63). Em outras palavras, há uma disputa em torno da representação de sua índole como estratégia para apagar a dimensão do racismo e da xenofobia por ele sofridos.

Omitir a nacionalidade e, conseqüentemente a cor de Moïse, implica omitir preconceitos relacionados a este modo de existência, uma vez que migrantes e refugiados brancos e europeus, assim como brasileiros brancos, não são tratados da mesma forma no Brasil. Moïse é o quinto congolês assassinado no País desde 2019, ainda que sob responsabilidade do governo brasileiro, como afirma o Embaixador da República Democrática do Congo, Mutombo Bakafwa Nsenda (Tatsch, 2022). Também, ainda que Moïse seja negro, enquanto refugiado, não possui o mesmo reconhecimento social de um brasileiro, uma vez que enfrenta dificuldades distintas para o acesso ao mercado de trabalho e para a formação profissional, por exemplo, o domínio linguístico do português. Nota-se que ainda há resistências no entendimento destas barreiras decorrentes da condição de refugiado e no reconhecimento que a comunidade brasileira adota posturas excludentes (exemplo 59).

57	Olhando as manchetes sobre o assassinato d Moïse Kabamgabe é sempre se referindo a ele como	<b>congolês</b>	d q importa sua nacionalidade um homem foi violentamente morto e tem nome Moïse Kabamgabe
58	Embora associado ao racismo estrutural, o assassinato de Moïse não condiz com relação da sociedade brasileira e as pessoas	<b>refugiadas</b>	crime precisa ser punido e família protegida

59	O assunto de hj apresentado por @usuario tem um erro ao associar o assassinato de	<b>Moïse</b>	aos casos de linchamento no Brasil. O Moïse <i>foi assassinado</i> em crime por outra motivação, foi um assassinato feito por homens e alguns <i>estão associados</i> a PM
60	Moïse era um trabalhador como qualquer outro, <i>foi morto</i> de forma brutal por reivindicar os direitos dele, os assassinos dele não podem sair impunes. Quantos	<b>Moïses</b>	terão que existir para que haja justiça em casos desse tipo no Brasil?
61	A tag justicaparamoise desceu porque os militantes descobriram que	<b>Moïse</b>	<i>foi assassinado</i> por negros e pobres iguais a ele
62	São negros e pardos <i>se ameaçando</i> mutuamente até o grupo de maior número juntar e dominar o rapaz sozinho. Assassinato torpe evidentemente, porém não tem nada de racismo, nem milícia e nem roubo de órgãos de	<b>Moïse</b>	no IML
63	O advogado de defesa falando que	<b>Moïse</b>	poderia esta [sic] bêbado, foi pega [sic] cerveja do freezer e por isso <i>mereceu ser espancado</i>

Esta coleção de tuítes (orações 57 a 63), portanto, são desassociadas de uma visão receptiva e acolhedora acerca da migração e da situação de refúgio. Identifica-se resistência para reconhecer Moïse como vítima e para identificar o crime como decorrente da intolerância brasileira sobre migração. Cabe destacar que as resistências ocorrem mediante discussões de temas diversos como nacionalidade (orações 57 e 58), trabalho (oração 60), condição socioeconômica (oração 61), raça (oração 62) e estado físico (oração 63).

Entretanto, há casos em que a postura excludente pode vir a ser despercebida ou mascarada, como na oração 58. Nesta, há a negação da xenofobia como motivadora do crime, ao passo que há a defesa da criminalização da violência. Entende-se que o apoio à condenação dos agressores pode vir a isentar estes internautas de uma postura intolerante aos migrantes e refugiados, embora ressalte o alheamento da realidade migrante. Este movimento ocorre ainda por meio do estabelecimento de uma relação dita igualitária entre migrantes e brasileiros, como exemplificado pela oração 62. Nesta, a reflexividade da ação, *se ameaçando mutuamente*, sugere que ambos os agentes são afetados pela ação de modo recíproco. A possível igualdade delineada pelos internautas também tende a desclassificar a natureza do crime.

### **Considerações finais**

Nosso objetivo foi estudar os processos de apassivação e a voz passiva em um *corpus* de tuítes referentes à hashtag *#JustiçaporMoise*, criada como manifestação de protesto pelo assassinato do refugiado congolês Moïse Kabagambe. As bases teóricas estão na Linguística Sistêmico-Funcional e em estudos da gramática da Língua Portuguesa. Os dados foram colhidos de forma automática, utilizando-se a linguagem de programação R, também responsável pela criação dos gráficos e pela realização das concordâncias. De forma geral, podemos observar que este artigo traz contribuições tanto para o estudo da questão do migrante e refugiado e suas representações no universo das mídias sociais, como também para o uso discursivo da voz passiva/apassivação em nosso idioma.

Os resultados mostram a presença de padrões discursivos que evidenciam o posicionamento político nos tuítes. Tais padrões revelam que o crime e suas repercussões serviram como um caminho de reflexão e mobilização em relação à causa dos migrantes, com especial repercussão sobre suas

condições de sobrevivência no Brasil e na violência sofrida. Os processos de apassivação e a voz passiva utilizados levam a representação de Moïse Kabagambe como mais uma vítima dessa violência. Na maioria das ocorrências do *corpus*, Moïse e suas demais referências, isto é, congolês, refugiado, imigrante, estrangeiro e negro, ocupam posição de paciente, normalmente no início das orações, independente do tema em discussão, com agente da passiva omissos. Tal organização estrutural possibilita que a atenção do leitor seja direcionada para o crime sofrido pelo refugiado e para o estabelecimento do tópico a ser discutido. Em uma pequena parcela de ocorrências, o agente da passiva é evidenciado, como na padronagem de tuítes que discute possíveis atores do crime. Nesta, uma vez que o objetivo é elucidar os participantes envolvidos e exigir ação pública de condenação, a delimitação dos agentes é significativa para construção do tópico e para atribuição de efeito discursivo. O efeito referido concerne à conscientização da identidade dos agentes, sendo policiais, milícias e gestores do Estado, como sugerido pelos internautas.

Tais questões também resvalam na questão racial, sendo que tal crime repercute em um contexto de apagamento, no qual outras violências não vieram à tona por desinteresse social e midiático. A ocorrência e análise destas discussões é relevante para o contexto brasileiro, vista a necessidade de reconhecer que a maioria de migrantes e refugiados se encontram em vulnerabilidade social, em consequência de um descompasso entre os procedimentos legais de proteção de migrantes e refugiados e ações práticas de acolhimento. Cabe ressaltar que algumas referências ao Moïse, como “estrangeiro” e “imigrante”, são limitantes no que tange o acolhimento legal e social de refugiados, tendo em vista que esta condição advém de um deslocamento forçado que exige medidas de proteção específicas do governo brasileiro. Entretanto, entende-se que estes usos explicitados não resultam em uma postura excludente neste *corpus*, mas sinalizam o reconhecimento de uma realidade excludente

partilhada tanto por migrantes, quanto por refugiados. Ademais, sugerem a importância de esclarecimento sobre o tema, uma vez que estes usos podem, a depender do contexto, reforçar preconceitos e dificultar a regularização legal no Brasil, respectivamente.

Este estudo contribui para a compreensão do uso discursivo da apassivação e da voz passiva no contexto dos estudos sistêmico-funcionais. Entre os principais pontos, estão os processos de ênfase e deslocamento dos participantes na construção representacional: as escolhas não são aleatórias, mas visam construir um espaço discursivo no qual Möise, enquanto nomeado e caracterizado como migrante congolês, refugiado e negro, torna-se um meta-exemplo da violência sofrida. Assim, tais resultados são importantes por refletirem sobre uma temática e sobre padrões de escolha gramático-discursivos ainda pouco estudados.

## AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer ao CNPq (processo 311099/2021-1) pelo financiamento desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BACCI, Irina *et al.* **Balanço Anual da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos 2015**. Secretaria Especial de Direitos Humanos; Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Brasília, DF, 2016.

BAKER, Paul; MCENERY, Tony (org.). **Corpora and discourse studies: integrating discourse and corpora**. Houndmills, Basingstoke, Hampshire; New York, NY: Palgrave Macmillan, 2015.

BARIFOUSE, Rafael. 'Brasil recebe, mas não acolhe': violência, preconceito e pobreza fazem com que congolesees pensem em deixar o país. **BBC News Brasil**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60267870>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BARRIE, Christopher; HO, Justin. `academicwitterR`: an R package to access the Twitter Academic Research Product Track v2 API endpoint. **Journal of Open Source Software**, v. 6, n. 62, p. 3272, 7 Jun 2021.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branco e negro em São Paulo**: Ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. Global Editora: São Paulo, 2013.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BENOIT, Kenneth e colab. `quanteda`: An R package for the quantitative analysis of textual data. **Journal of Open Source Software**, v. 3, n. 30, p. 774, 2018.

BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. **Corpus linguistics: investigating language structure and use**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1998.

BREZINA, Vaclav; MCENERY, Tony; WATTAM, Stephen. Collocations in context: A new perspective on collocation networks. **International Journal of Corpus Linguistics**, v. 20, n. 2, p. 139–173, 2015.

BREZINA, Vaclav. **Statistics in corpus linguistics: a practical guide**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2018.

CAMACHO, Roberto Gomes. Construções passiva e impessoal: distinções funcionais. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 44, 2000.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; SILVA, Bianca. **Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 49. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2020.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 5. ed. Los Angeles: SAGE, 2018.

CUNHA, Celso Ferreira Da; CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2021.

DISCUSSÃO de bar termina com universitária angolana morta em SP. **UOL Online**, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2012/05/23/discussao-de-bar-termina-com-universitaria-morta.htm>. Acesso em: 9 abr. 2022.

FAWCETT, Robin P. Choice and choosing in Systemic Functional Grammar: What is it and how is it done? *In*: FONTAINE, L.; BARTLETT, T.; OGRADY, G. (org.). **Systemic Functional Linguistics: Exploring Choice**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2013.

FIGUEIREDO, Patrícia. Angolano morre esfaqueado na Zona Leste de SP e 2 ficam feridos; imigrantes deixam suas casas em Itaquera por medo de xenofobia. **G1**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/19/angolano-morre-esfaqueado-na-zona-leste-de-sp-e-2-ficam-feridos-imigrantes-deixam-suas-casas-em-itaquera-por-medo-de-xenofobia.ghtml>. Acesso em: 9 abr. 2022.

FONTAINE, Lise. Introduction: choice in contemporary systemic functional theory. *In*: FONTAINE, L.; BARTLETT, T.; OGRADY, G. (org.). **Systemic Functional Linguistics: Exploring Choice**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2013.



GIVÓN, Talmy (org.). **Voice and inversion**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1994. (Typological studies in language, v. 28).

HALLIDAY, M. A. K. . **An introduction to functional grammar**. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. . **An Introduction to Functional Grammar**. London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. . Meaning as choice. In: FONTAINE, L.; BARTLETT, T.; O'GRADY, G. (org.). **Systemic Functional Linguistics: Exploring Choice**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2013.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4, ed. Milton Park/Abingdon/Oxon: Routledge, 2014.

HAWAD, Helena Feres. A voz verbal e o fluxo informacional do texto. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 20, p. 97–121, 2004.

HOMEM confessa atropelamento de universitário africano. **O POVO**, Fortaleza, 2015. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2015/07/homem-confessa-atropelamento-de-universitario-africano.html>. Acesso em: 9 abr. 2022.

LIMA-LOPES, R. E. de; GABARDO, Maristella. Ni una menos: A luta pelos direitos das mulheres na Argentina e suas representações no Facebook. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 19, n. 4, p. 801–824, 2019.

LIMA-LOPES, R. E. de. O Conservadorismo como ideologia: Contribuições da ciência das redes para a Linguística Sistêmico Funcional. **Letras**, v. 28, n. 56, p. 43–69, 2018.

LIMA-LOPES, R. E. de. Reflexões sobre as possíveis contribuições da linguística do corpus para a gramática sistêmico funcional: transitividade e classificação de processos. **Caletrosópio**, v. 5, n. 9, p. 9–25, 2017.

MACKEY, A.; BRYFONSKI, L. Mixed Methodology. *In*: PHAKITI, A. *et al.* (eds.). **The Palgrave Handbook of Applied Linguistics Research Methodology**. London: Palgrave Macmillan UK, 2018.

MERCURI, K. T.; LIMA-LOPES, R. E. de. Discurso de ódio em mídias sociais como estratégia de persuasão popular. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 2, p. 1216–1238, 2020.

MORAIS, F. B. C. De. Os dizentes nos artigos científicos de Linguística - um estudo baseado na Linguística Sistêmico-Funcional e com o auxílio da Linguística de Corpus. **Letras & Letras**, v. 30, n. 2, p. 46–63, 2014.

MOREIRA, Julia. Migrações internacionais e refúgio sob a ótica do governo Bolsonaro. **Revista Mundorama**, 2019.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NOVODVORSKI, Ariel. O discurso mercantilista na promoção do espanhol no Brasil: uma abordagem crítica. **VIII ENIL (Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal) e II SIACD (Simpósio Internacional de Análise Crítica do Discurso)**, v. 1, p. 1–10, 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados**. Adotada em 28 de julho de 1951 pela Conferência das Nações Unidas de Plenipotenciários sobre o Estatuto dos Refugiados e Apátridas. Série Tratados da ONU, v.189, n. 2545.

PHILLIPS, M. A. **Lexical structure of text**. Birmingham: University of Birmingham, 1989.

RESENDE, Isabelle; PUENTE, Beatriz. Atos marcam os quatro anos dos assassinatos de Marielle Franco e Anderson Gomes. **CNN Brasil**, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/atos-marcam-os-quatros-anos-dos-assassinatos-de-marielle-franco-e-anderson-gomes/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique Da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Edição revista segundo o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SILVA, Gustavo *et al.* **Refúgio em Números**. 6. ed. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília: OBMigra, 2021.

STUBBS, Michael. Collocations and semantic profiles: On the cause of the trouble with quantitative studies. **Functions of Language**, v. 2, n. 1, p. 1–18, 1995.

TATSCH, Constança. Caso Moïse: ‘O estado brasileiro era responsável pela proteção de Moïse’, diz embaixador congolês. **O Globo**, Rio de Janeiro, 3 fev. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/caso-moise-estado-brasileiro-era-responsavel-pela-protacao-de-moise-diz-embaixador-congoles-1-25378783>. Acesso em: 10 abr. 2022.

TRIBBLE, Christopher. What are concordances and how are they used? In: O’KEEFFE, A.; MCCARTHY, M. (org.). **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. Milton Park/Abingdon/Oxon: Routledge, 2010.

VAN DIJK, Teun. **Racism and discourse in Spain and Latin America**. John Benjamins Publishing, 2005.

VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and Practice: New Tools for Critical Discourse Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

WICKHAM, Hadley. **Ggplot2: elegant graphics for data analysis**. New York: Springer, 2016. (Use R!).

WIEDEMANN, Gregor; NIEKLER, Andreas. Hands-on: A five day text mining course for humanists and social scientists in R. 2017, [S.l: s.n.], 2017. p. 57–65. Disponível em: <http://ceur-ws.org/Vol-1918/wiedemann.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

WILLIAMS, Geoffrey. Collocational Networks: Interlocking Patterns of Lexis in a Corpus of Plant Biology Research Articles. **International Journal of Corpus Linguistics**, v. 3, n. 1, p. 151–171, 1998.

**Rodrigo Esteves de Lima-Lopes** (rll307@unicamp.br): É linguista, comunicólogo e tradutor, pesquisador nível 2 - CNPq. Atualmente é professor associado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/Departamento de Linguística Aplicada (DLA). Atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA), o qual coordena. É coordenador do GT de Linguagens e Tecnologias da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística) e vice-presidente da Associação de Linguística Sistemico-Funcional da América Latina (ALSFAL). Possui Livre Docência em Linguagem e Tecnologias, Doutorado em Linguística Aplicada pelo IEL/UNICAMP. É mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Bacharel em Tradução (Língua e Literatura Inglesas) e Bacharel e Licenciado em Língua e Literatura Portuguesas pela PUCSP. Seus interesses de pesquisa incluem mineração textural, Linguística do Corpus, Linguística Sistemico-Funcional, Humanidades Digitais, Tecnologia e Sociedade, Educação para os Meios e Dadaificação da Sociedade.

**Vivian Gomes Monteiro Souza** (viviangomesms@gmail.com): Mestranda em Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na vertente de Linguagem e Sociedade. Graduada em Letras Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Possui experiência em revisão de textos acadêmicos, em ensino de língua portuguesa como língua materna e como língua de acolhimento, e em ensino de língua inglesa. É membro dos grupos de pesquisa: Mídia, Discurso, Sociedade e Tecnologia (MiDiTes), Núcleo de Educação Bilíngue e Pesquisa em Literatura e Linguística Aplicada da Região Norte (NEPLAN) e Múltiplas Linguagens, Semiótica e Discurso na Contemporaneidade (SDISCON). Áreas de interesse: Linguística Aplicada, Linguística Sistemico-Funcional, Educação, Migração e refúgio.

#### Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de; SOUZA, Vivian Gomes Monteiro. Representações sobre a violência contra um Refugiado Negro no Twitter. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 27-71, 2023.

#### Contribuição de autoria

Rodrigo Esteves de Lima-Lopes: concepção e elaboração do manuscrito; análise de dados; discussão dos resultados; revisão e aprovação.

Vivian Gomes Monteiro Souza: concepção e elaboração do manuscrito; análise de dados; discussão dos resultados; revisão e aprovação.

#### Financiamento

Não se aplica.

#### Consentimento de uso de imagem

Figura 1 - Resumo do processo metodológico. Fonte: dados da pesquisa (2023).

Figura 2 - Rede de colocados dos tuítes #JusticaparaMoise. Fonte: dados da pesquisa (2023).

Figura 3 - Colocados dos itens lexicais pesquisados. Fonte: dados da pesquisa (2023).

#### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

**Licença de uso**

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

**Histórico**

Recebido em: 10/01/2023.

Aprovado em: 26/07/2023.